

LAZER E FAVELA: o Morro do Timbau e seu Arraiá da (Re)existência

Diogo Silva do Nascimento¹

Lourenço Cezar da Silva²

Resumo

A Favela da Maré é um bairro da Zona Norte do Rio de Janeiro com cerca de 140 mil habitantes, localizado no coração das principais vias da cidade. O bairro é conhecido pelas narrativas sobre violência e pobreza divulgadas pela imprensa de forma constante há muitas décadas. Em 1978, a região também ficou conhecida como “o fim do mundo” depois de um artigo do Jornal do Brasil com o título: “Favela da Maré: aqui é o fim do mundo”. Essas narrativas oficializadas sobre a região imperam como obstáculos aos moradores, que continuam a serem estigmatizados e excluídos socialmente. No entanto, buscando entender este território para além da violência e narrativas pejorativas. O presente artigo é um desdobramento da tese de doutorado “Maré de Lazer: construções, sociabilidades e significados dos lugares de Lazer no Morro do Timbau que buscou investigar as histórias dos espaços de lazer a partir das memórias e registros dos moradores. O trabalho analisou a maneira como se configuraram as memórias locais, sociabilidades e identidades tecidas através das experiências fomentadas em uma das primeiras festas registradas na região (Arraiá do Bico Mudo), indicando como os moradores buscaram resistir em um território marcado historicamente pela precarização e abandono do poder público, típico de tantas periferias pelo país. Destaca-se, nesse processo, o empenho de grupos no uso e construção de espaços de lazer marcados por relações afetivas. Além disso, o trabalho também investiga as formas como foram tecidos os arranjos coletivos, tais como os laços de amizade, conflito, territorialidade e resistência a partir da vivência e construção do “Arraiá”. Esta pesquisa utilizou a abordagem qualitativa por meio de entrevistas narrativas, análises de fotos e documentos. Com isso, a tese aponta para a importância em dar visibilidade às experiências que contestam o estigma do bairro apresentando uma narrativa que valoriza as afetividades, as sociabilidades, as memórias e as construções identitárias construídas partir do lazer.

Palavras-chave: Lazer, Esporte, Memória, Ausências, Favela.

¹ Doutorando em Estudos do Lazer, Mestre em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas, Especialista em Gestão Escolar e Graduado em Educação Física. Atualmente participa do Laboratório de História do Esporte e do Lazer- IFCS/UFRJ (Coordenado pelo Prof. Dr. Victor Melo) e desenvolve pesquisas, junto ao MUSEU DA MARÉ, sobre as Memórias e Sociabilidades tecidas nos Espaços de Lazer no Conjunto de Favelas da Maré.

² Mestre em Educação pela UFRJ, Especialista em História da África pela FEUDUC e Graduado em Geografia e Meio Ambiente pela PUC-Rio. Membro fundador do Núcleo de Estudos e Pesquisa Social da Maré (NEPS/MARÉ), antigo Observatório Social da Maré.

LEISURE AND FAVELA: o Morro do Timbau and his Arraiá of (Re) existence

Abstract

Favela da Maré is a neighborhood in the North Zone of Rio de Janeiro with about 140 thousand inhabitants, located in the heart of the main roads of the city. The neighborhood is known for the narratives about violence and poverty that have been published in the press for many decades. In 1978, the region was also known as "the end of the world" after an article in *Jornal do Brasil* with the title: "Favela da Maré: here is the end of the world". These official narratives about the region prevail as obstacles to residents, who continue to be stigmatized and socially excluded. However, seeking to understand this territory beyond violence and pejorative narratives, this article is an unfolding of the doctoral thesis "Maré de Lazer: constructions, sociability and meanings of leisure places in Morro do Timbau that sought to investigate the stories of the spaces of leisure in the residents' memories and records. The work analyzed the way in which local memories, sociability and identities were formed through the experiences fostered in one of the first parties recorded in the region (Arraiá do Bico Mudo), indicating how residents tried to resist in a territory historically marked by precariousness and abandonment public power, typical of so many peripheries across the country. In this process, the commitment of groups to the use and construction of leisure spaces marked by affective relationships stands out. In addition, the work also investigates the ways in which collective arrangements were woven, such as bonds of friendship, conflict, territoriality and resistance from the experience and construction of the "Arraiá". This research used the qualitative approach through narrative interviews, analysis of photos and documents. Thus, the thesis points to the importance of giving voice to experiences that challenge the neighborhood's stigma by presenting a narrative that values affection, sociability, memories and identity constructions in leisure spaces.

Keywords: Leisure, Sport, Memory, Absences, Favela.

OCIO Y FAVELA: Morro do Timbau y su Arraiá del (Re) existência

Resumen

Favela da Maré es un barrio en la zona norte de Río de Janeiro con unos 140 mil habitantes, ubicado en el corazón de las carreteras principales de la ciudad. El barrio es conocido por las narrativas sobre violencia y pobreza que se han publicado en la prensa durante muchas décadas. En 1978, la región también era conocida como "el fin del mundo" después de un artículo en *Jornal do Brasil* con el título: "Favela da Maré: aquí está el fin del mundo". Estas narrativas oficiales sobre la región prevalecen como obstáculos para los residentes, que continúan

siendo estigmatizados y socialmente excluidos. Sin embargo, buscando comprender este territorio más allá de la violencia y las narraciones peyorativas, este artículo es un desarrollo de la tesis doctoral “Maré de Lazer: construcciones, sociabilidad y significado de lugares de ocio en Morro do Timbau que buscaban investigar las historias de los espacios de ocio en los recuerdos y registros de los residentes. El trabajo analizó la forma en que se formaron los recuerdos, la sociabilidad y las identidades locales a través de las experiencias fomentadas en uno de los primeros partidos registrados en la región (Arraiá do Bico Mudo), indicando cómo los residentes intentaron resistir en un territorio históricamente marcado por la precariedad y el abandono poder público, típico de tantas periferias en todo el país. En este proceso, destaca el compromiso de los grupos con el uso y la construcción de espacios de ocio marcados por relaciones afectivas. Además, el trabajo también investiga las formas en que se tejieron los acuerdos colectivos, como los lazos de amistad, conflicto, territorialidad y resistencia a partir de la experiencia y la construcción del “Arraiá”. Esta investigación utilizó el enfoque cualitativo a través de entrevistas narrativas, análisis de fotos y documentos. Por lo tanto, la tesis señala la importancia de dar voz a las experiencias que desafían el estigma del vecindario presentando una narrativa que valora el afecto, la sociabilidad, los recuerdos y las construcciones de identidad en los espacios de ocio.

Palabras clave: Ocio, Deporte, Memoria, Ausencias, Favela.

Conhecendo o Território

Por ser um local historicamente marcado pelas “ausências” (ZALUAR, 2003), o Conjunto de favelas da Maré explicita a precariedade ou omissão de políticas públicas e a situação de exclusão social, configurando claramente, como assinala Alba Zaluar (2003), “uma manifestação de injustiça distributiva”. A Maré é constituída por diferentes localidades e conjuntos habitacionais na região da zona norte do Rio de Janeiro. De acordo com o índice de desenvolvimento humano, a Maré está entre os três piores bairros da cidade (CEASM, 2003). Isso exemplifica a realidade em que vivem os habitantes residentes desta área.

O Bairro fica situado próximo à Universidade Federal do Rio de Janeiro e entre as principais vias expressas da cidade (Linha Vermelha e Linha Amarela).

Segundo o Censo Maré³ (CEASM, 2003), a região conhecida por agrupar pescadores e pessoas vindas do Nordeste foi ocupada desde a década de 1940 por barracos e palafitas, constituindo, assim, a primeira comunidade nomeada de Morro do Timbau (1940).

Situada entre a Avenida Brasil e Linha Vermelha e cortada pela Linha Amarela - as três principais vias da cidade- a maré emerge como um imenso conjunto de favelas, com a presença de cento e trinta e dois mil moradores, distribuídos em dezesseis (16) comunidades. O fato de estar próxima ao aeroporto Internacional e vizinha à Universidade Federal do Rio de Janeiro contribui para que ocupe uma presença significativa no imaginário carioca, sendo representada como um espaço globalmente dominado pela miséria e pela violência (CENSO MARÉ *apud* CEASM, 2003, p. 07).

O nome Maré surgiu com a proximidade das águas que, por causa de seu curso natural, faziam a maré subir. Devido a essa característica, surgiram diversos problemas para os moradores da região. As construções precárias, por exemplo, ajudavam à proliferação de cobras e ratos, e as consequências disso era o surgimento de várias doenças.

Com o passar dos anos, as palafitas foram dando espaço aos barracos mais consistentes, graças ao aterramento de grande parte da região promovido pelo poder público. Desse modo, segundo o Censo Maré (CEASM, 2003) surgiram outras comunidades na região, como a Baixa do Sapateiro (1947), Conjunto Marcílio Dias (1953), Parque Roquete Pinto (1955), Parque Rubens Vaz, Parque União e Parque Maré (1961), Nova Holanda (1962) e Praia de Ramos (1962).

Na década de 1980, houve a transformação da maioria das habitações para casas de alvenaria. Nesse período, surgiram, também, os primeiros conjuntos habitacionais construídos pelo Estado, como a Vila do João e o Conjunto Esperança em 1982 e a Vila dos Pinheiros em 1989. Na década de 1990, surgiram os conjuntos habitacionais Bento Ribeiro Dantas (1992), Nova Maré (1996) e Novo Pinheiro, mas conhecida como “Salsa e Merengue” (2000).

Apesar de existir desde a década de 1940, a Maré só foi reconhecida como Bairro pela prefeitura no ano de 1994, durante a primeira gestão do

³ O Censo Maré 2000 foi uma pesquisa feita pelo Centro de Ações Solidárias da Maré (CEASM) e teve como objetivo fazer um grande levantamento censitário na região. O estudo trouxe dados importantes que, mesmo passado quase duas décadas, ainda se apresentam como importante fonte de dados para estudo daquela região.

Prefeito César Maia. O referido gestor criou o Bairro da Maré por meio da Lei Municipal nº 2.119 de 19 de janeiro de 1994, publicada no Diário Oficial de 24 de janeiro do mesmo ano. Sobre a transformação da Maré em Bairro, segundo a pesquisadora Claudia Rose da Silva (2006), a mudança está ligada com a característica urbana que a localidade já apresentava, seja por diferentes projetos urbanísticos, seja pela própria iniciativa popular.

Tendo sido alvo de inúmeros projetos governamentais e de acordo com diversos interesses políticos, a Maré, até então considerada como favela, passou a ser tratada pelo poder público como uma área totalmente urbanizada, condição esta que viabilizou a criação do Bairro (SILVA, p. 21, 2006).

A população residente no Bairro da Maré, segundo o Censo Maré (CEASM, 2003), era de 132.176 habitantes vivendo em 38.273 domicílios e distribuídos em 17 comunidades. Segundo este mesmo censo, 30% da população era composta por crianças de zero a quatorze anos, o que significa uma grande demanda de serviços especiais voltados para esta faixa etária, tais como: educação, cultura e lazer.

O Morro do Timbau, chamado pelos moradores de “Morro” ou “Timbau”, é considerada a favela mais antiga do Conjunto de Favelas da Maré. Seu nome vem do tupi-guarani “thybau” (entre as águas). Essa característica veio devido ao Morro se localizar no meio de uma área de mangue, em uma região que era formada por diversas ilhas, praias, manguezais como a Enseada de Inhaúma, a Praia de Inhaúma, a Ponta do Tibau, Ponta da Pedra e a Praia do Apicu. Sua localização ficava “entre as águas”, como diz o idioma tupi⁴.

4 Histórico retirado de publicações do Museu da Maré.
http://www.museudamare.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=96&Itemid=115 (Acessado em 10/11/2017).

No período imperial, o Morro teve seu passado ligado a criação do Porto de Inhaúma⁵ e o Porto de Maria Angú⁶, no século XVI, que ficavam no seu território (Inhaúma) e próximo a ele (Maria Angu). A região tinha como características grandes manguezais de Pau Brasil, e o Porto servia para escoar os produtos explorados e cultivados na região. O Porto desenvolveu importante papel econômico para o subúrbio e desapareceu nas primeiras décadas do século XX, após os sucessivos aterros na área.

O Morro faz divisa com as favelas Baixa do Sapateiro, Vila do Pinheiro, Conjunto Bento Ribeiro Dantas e a favela “Maclaren⁷”.

O Timbau, já na década de 80, era uma região que já tinha como grande característica as casas de alvenaria e com um bom acabamento, deixando a vista o poder aquisitivo dos moradores. Segundo Santos; Silva:

Em 80% das unidades do Timbau as paredes são de alvenaria e cobertura e de laje e telha (55%). Quanto aos pisos, 64% são de cimento e de 29% de taco ou cerâmica. O Morro do Timbau parece ser a favela com residências de maior tamanho. Cerca de 60% das habitações têm uma área construída superior a 50m². Para o conjunto das favelas da maré a proporção cai para 17%. (1983, p. 7).

Ainda segundo o relatório sobre o Morro do Timbau, na década de 1980, constava o registro de 5.640 moradores morando em 1.103 residências. Após

5 O Porto de Inhaúma ficava localizado onde hoje fica a Avenida Guilherme Maxwell, ao redor do Morro do Timbau. Segundo arquivos do museu da Maré, a construção do Porto de Inhaúma remonta ao século XVI, logo após a concessão das sesmarias. Segundo Dias da Cruz, no Almanaque Suburbano, os jesuítas rasgando a floresta abriram o caminho que passando por Bonsucesso ia dar no Porto, e que se encontrava com uma grande estrada que ia da Cidade à Santa Cruz, posteriormente conhecida como Estrada Real de Santa Cruz, hoje, Avenida Suburbana. Fonte:

http://www.museudamare.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=96&Itemid=115 acessado em 14/10/2017).

6 O porto de Maria Angu contava no relatório de 1779 sobre a freguesia de São Tiago de Inhaúma. Tinha um porto onde escoavam os produtos agrícolas do interior vindos da freguesia de Irajá. O historiador Brasil Gerson acredita que o nome veio de uma negra que habitava a região. No entanto, há quem atribua o nome de Maria Angu ao pássaro que tem o mesmo nome. O porto ficava onde hoje fica a praia de Ramos e/ou piscinão de Ramos. Fonte: (<http://suburbiosdoriorio.blogspot.com.br/2012/03/praiade-maria-angu.html> acessado em 10/12/2017).

7 A favela da MacLaren, uma zona difusa situada entre três comunidades da Maré (Baixa do Sapateiro, Morro do Timbau e Vila dos Pinheiros), é composta por cerca de 40 famílias. A favela não tem Associação de Moradores e as comunidades a sua volta não a reconhecem em seus respectivos territórios. Essa Favela foi amplamente pesquisada e visibilizada pela sanitarista Roberta Lemos Gadelha (2016).

três décadas, segundo dados do IBGE (2010), o Morro do Timbau tem 6.359 mil habitantes divididos em 2109 domicílios, sendo uma favela que teve um aumento significativo das suas residências, porém manteve o seu crescimento populacional baixo (Santos; Silva, 1983, p. 16).

Tabela 1 - Número de habitantes e de domicílios no Conjunto de Favelas da Maré

Número de habitantes e de domicílios no Conjunto de Favelas da Maré, por comunidade - ano 2010		
Comunidade	Habitantes	Domicílios
Parque União	19.662	6.621
Vila dos Pinheiros	15.492	4.974
Nova Holanda	15.450	4.729
Vila do João	13.301	4.545
Parque Maré	12.322	3.999
Baixa do Sapateiro	7.757	2.590
Roquete Pinto	7.488	2.382
Salsa e Merengue	7.258	2.130
Marcilio Dias *	6.759	1.768
Morro do Timbau	6.359	2.109
Conjunto Esperança	5.530	1.870
Rubens Vaz	5.154	1.710
Conjunto Pinheiros	4.115	1.337
Conjunto Bento Ribeiro	3.580	953
Nova Maré	3.174	850
Praia de Ramos	3.073	932
Total Geral	136.474	43.499

Fonte: Censo Demográfico 2010 - Fonte: IBGE

Essa característica de ser um dos lugares mais prósperos e desenvolvidos da Maré encontra indícios ainda na época do Porto de Inhaúma. Em pesquisa feita na base de dados da biblioteca nacional, foram encontrados registros,

ainda no século XVIII, sobre a venda de imóveis e anúncios de fuga e espancamento de escravos fomentados pelos senhores de engenho da região.

Pelo juízo de orphão, escrivão Vianna, vae a praça nos dias 25 e 28, e a 3^a em 8 de junho em que devem ser arrematadas as benfeitorias e casado sitio no porto de Inhaúma, pertencentes aos herdeiros (...), cujo sitio teve nova avaliação por ser muito cara a primeira; quem as quiser ver dirija-se ao dito porto ao Pé da Pedra do Tibáu (**Jornal Diário do Rio de Janeiro, 25 de maio de 1846**).

Fugio ou furtaram um preto moço de nação Cabinda, de nome Caetano, tem uma cicatriz na perna direita, é fullo e muito ladino, ainda que pareça idiota: quem o levar à chácara das Mangueiras no Porto de Inhaúma ou d'elle der notícia, será bem recompensado (**Jornal Diário do Rio de Janeiro, 29 de abril de 1849**).

Contudo, a história contemporânea daquela região é contada a partir de 1940, com a construção da Avenida Brasil, em 1946, e a abertura da região para o desenvolvimento fabril. Segundo Santos; Silva (1983, p.8):

Havia ali uma praia, então limpa e agradável. Se chamava praia de Inhaúma, embora o bairro do mesmo nome ficasse distante, no interior do tecido urbano. Foi, aliás, devido a um passeio de domingo na Praia de Inhaúma que os pioneiros da ocupação se encantaram com as qualidades do lugar. Ali não havia nada, só “mato”, o que em linguagem popular significa que a região era coberta por vegetação densa. A praia estava cheia de pedaços de pau trazidos pela Maré, espetados para o clima como que sugerindo que fossem utilizados. Foi mesmo o que fez a mulher esperta que, apesar dos protestos do marido, começou a juntar madeira, pensando em construir um barraco naquele lugar ermo que parecia não interessar a ninguém. Esse primeiro casal veio do centro da cidade, onde vivia em uma casa de cômodos atrás da estação central de trens do Rio de Janeiro. A mulher havia vindo há pouco da zona rural no interior de Minas. Não se conformava em viver confinada em um quarto “onde chovia dentro”. Escolheu uma área seca conveniente em um pequeno morro perto do mar e construiu seu primeiro barraco com o material que a maré lhe trazia de presente. Depois, tratou de plantar árvores frutíferas e hortas, cercando seu território. Pôde fazer tudo sem que ninguém lhe incomodasse. Mesmo assim, tinham muito medo, conscientes de que estavam se apropriando, sem autorização, do que não lhes pertencia. (1984, p.5)

Ainda de acordo com Santos; Silva (1983), esse casal era Dona Orosina e seu esposo, que tiveram um importante papel para a construção do, hoje, bairro Maré. Na edição do Jornal “A NOITE”, ainda na década de 1940, é noticiada a ocupação da parte alta da Rua Nova Jerusalém onde fica a Baixa do Sapateiro e o Morro do Timbau.

Há dois anos moradores iniciaram construções de barracões nos terrenos da marinha à margem da avenida Brasil em Bonsucesso. Os

terrenos formavam um charco que, à medida que iam levantando as casas, iam aterrando. Se localizam ali hoje cerca de 800 barracos. Já havia na parte alta da Jerusalém outro grupo de residências. (Jornal A NOITE, 24/11/1947)

A chegada do Exército e a apropriação indevida da região

Com o passar do tempo, os barracos foram se multiplicando e em 1947 o exército decidiu usar os terrenos em frente ao Morro do Timbau para construir suas novas instalações. Nesse contexto, surge uma figura emblemática na região, Sargento Aduito, que se dizia encarregado da prefeitura e do Exército, e que para os moradores continuarem ali teriam que pagar uma taxa que variava de acordo com o espaço ocupado.

É possível que o Sargento Aduito fosse instruído para controlar a favela nascente impedindo que se expandisse em direção à área plana onde se iniciaria a construção do quartel. Unindo o útil ao agradável, resolveu cobrar “direitos de ocupação” em benefício próprio, o que caracterizaria abuso de autoridade e grilagem. (Santos; Silva 1983, p.11)

De qualquer forma, é através do Sargento Aduito que se inaugura uma longa simbiose entre favela e quartel. O edifício é construído em 1947. Pela sua escala, domina a paisagem que se vê do alto do morro quando se olha na direção oeste. Para compreender as representações que os moradores do Timbau fazem de si mesmo é indispensável a referência aos militares em frente. Toda a história da favela é ritmada pelo diálogo com o batalhão, que materializa, no cotidiano e de forma impositiva, o poder na sua vertente mais formal e acabada. Há uma série de sargentos que passam a ser intermediadores. Todos são mais ou menos brutais, exploradores e arbitrários com os favelados (Santos; Silva, 1983, p.17).

Nesse determinado período da história, o Timbau se tornou “oficialmente” uma área militar e o Exército passou a controlar os moradores, com diversas regras que foram descritas em uma carta (lei) de conduta para o território. Dentre as obrigações dos moradores, uma delas diz sobre a obrigatoriedade do morador construir o sistema de esgoto da sua casa e, inclusive, da rua na qual reside: “Os locatários estão obrigados a cumprir os itens abaixo. Item 4 - Construir tubulações de águas servidas quer no interior de suas residências, quer na rua em que reside”. Além disso, o documento é bem taxativo ao tratar os moradores como locatários e frisa bem sobre a iminente possibilidade de remoção caso haja o descumprimento das regras.

Qualquer desrespeito às normas acima levará o locatário à expulsão sumária juntamente com os demais moradores de sua residência em 48 horas, sem outros direitos senão inerentes a sua propriedade sobre o material da moradia e os seus haveres que deverão ser retirados no prazo acima citado.

Em outro item, os militares informam que não há qualquer interesse do Exército em fazer obras de melhorias na região, ou seja, sendo uma área militar, o Estado da Guanabara não poderia fazer qualquer obra de melhoria. Só cabia ao Exército fazer qualquer obra na região.

1. Os terrenos do Ministério do Exército, situados no Morro do Timbau e Praia de Inhaúma, são próprios da União e não devem ser destinado a residências.
2. Não há o menor interesse para o Ministério do Exército em conservar as residências.

Esse controle do Exército também influenciava na realização de atividades de lazer nas ruas e praças do Morro. Segundo Seu Agamenon⁸, tudo era controlado pelo referido Sargento do Regimento de Carros de Combate que administrava a região:

Essas coisas de churrasco, essas coisas assim aqui não era muito chegado não. Isso aqui era uma área militar. Tinha um sargento, que o chamavam ele de delegado. Então era muita coisa com ele. Teve uma época antes de mim, teve uma época que dez horas da noite passava uma patrulha e botava todo mundo pra dentro pra dormir. Aqui teve. O Morro do Timbau sempre foi diferente de todas as outras comunidades aqui da Maré.

Segundo Santos; Silva (1983, p.19), o cerceamento era absoluto.

De 1952 a 1959 a interferência dos militares na favela é absoluta. “Proíbiam a gente de pregar um prego na cerca”. A ordem era não deixar construir nada novo e não permitir reformas que dessem às moradias caráter definitivo (troca de paredes de madeira e estuque por alvenaria, e de telhados de zinco por telhas de barro). As obras em andamento eram derrubadas sem maiores considerações. Quem ousava desobedecer era tratado com imensa brutalidade. “O Senhor precisava ver. Houve um rapaz que construiu sem autorização. Os soldados vieram e destruíram tudo. Até os passarinhos nas gaiolas foram pisados pro aquelas botas odiosas”. Os moradores antigos eram apenas tolerados, desde que se contentassem em viver em condições precárias: espaços mínimos, feitos com material ligeiro. “Se caísse,

8 Seu Agamenon foi presidente da Associação de Moradores do Morro do Timbau no período de 1968 a 1983.

eles mandavam carregar e não deixavam construir de novo lá no morro”.

Esse cerceamento ganhou um ar de “legalidade”, já que os militares emitiam documentos (notas, recibos, ofícios) que comprovavam toda lógica de controle e vigilância sobre os moradores. O mais intrigante de toda essa tensão entre militares e moradores do Timbau é que, anos depois, constataram que aquela área nunca havia sido do Exército. Santos; Silva (1983, p.147):

Nunca foi verificado ao certo se o Morro do Timbau estava ou não englobado por essa propriedade. Quase quarenta anos mais tarde, quando foi feito um levantamento criterioso, descobriu-se que o Exército jamais tivera direito algum ao morro. Ele era terreno devoluto, submetido, portanto, à jurisdição da União e do Ministério da marinha, por se tratar de área ribeirinha.

Contudo, sendo uma pseudo área militar, e tendo um imenso controle sobre a ocupação do seu território, o Morro acabou criando suas próprias peculiaridades na Maré. Segundo Alexandre Dias:

O intenso controle da ocupação, principalmente no morro, gerou uma menor densidade demográfica nesse local, já que a construção de novos barracos era expressamente proibida e impedida, o que levou a um aumento da densidade nas áreas alagadas. Por outro lado, a organização espacial exigida pelo estado acabou por reforçar a consolidação das moradias. (SILVA, 2002, p. 24)

Apesar de toda essa tensão com os militares, os moradores do Timbau criaram, desde muito cedo, uma cultura de mobilização. Isso fez a favela ser a primeira a ter água canalizada, esgoto e calçamento. Tudo isso através da iniciativa comunitária. Segundo o Sr. Agamenon:

A princípio, a gente calçou as ruas porque na época estava sendo feito o Elevado da perimetral, que os caminhões quando chegavam e demoravam muito a descarregar e esquentava e aí o técnico condenava o asfalto, o asfalto, o concreto, aí liberava, eles vinham pra cá e agente dava dez, vinte mil réis o caminhão. O caminhão tinha que se livrar. (...) É. Aí fez tudinho de coisa. Não essa o que está agora aí. Mas quando, olha quando, isso aí depois foi o Projeto Rio né. Mas quando o Projeto Rio chegou aqui o Timbau já tinha água, esgoto, tinha tudo. Timbau estava pronto, faltava só a posse da terra que foi dada depois né.

Segundo Magnani (1984), os mutirões realizados pelos próprios moradores, em áreas periféricas, apresentam significativas dinâmicas sociais.

A maneira como se utiliza o sistema de mutirão, por exemplo, para a construção de casas na periferia, apresenta uma dinâmica em alguns aspectos diferente à dos padrões que caracterizavam o emprego desta forma de trabalho cooperativo, nas lides do campo: o recurso da mão de obra de parentes e vizinhos, cedida gratuitamente ou sob regime de reciprocidade. (p.27).

Conforme frisou o Sr. Agamenon, o Timbau tem duas características únicas na Maré. É a única favela que fica em ponto mais elevado (Morro) e a única que já foi uma “área militar”. Por todas essas características, os moradores do Timbau tiveram que se organizar desde cedo para combater o cerceamento dos militares para uma eminente possibilidade de despejo, e para construir suas próprias ruas, já que devido aos militares terem o controle da área, cabia a eles viabilizarem melhores condições daquela região, o que acabou não acontecendo. Isso fez o Timbau ser um lugar desenhado, tecido e construído pelos seus próprios moradores. Nesse sentido, Milton Santos (2013, p. 40) diz que “o lugar é o encontro entre possibilidades latentes e oportunidades preexistentes ou criadas” e no Timbau as oportunidades e possibilidades de moradia e direito à cidade foram historicamente construídas.

Essa construção foi feita, segundo Sr. Agamenon, através da união da favela que mantinha em dia a taxa de pagamento da Associação de Moradores:

(...) eu tenho orgulho de dizer que aqui no morro do Timbau noventa e cinco por cento ou mais de moradores eram sócios e sócios pagantes, bonitinho, tinham liberdade. Com isso nós pudemos além de fazer a Praça Bangu, fizemos a sede da Associação, fizemos as caixas d’água. (...) Na época reunião de moradores, perguntamos: pode? Aí visitamos de casa em casa. Aqueles que se, aí foi um modo geral, todos que se apresentaram e gozaram. E eu fiz um apanhado em empresas e vi o valor, dividi, dividi pelo número de moradores e estabeleci quanto que cada um tinha que pagar.

O poder de articulação dos moradores e composição de líderes comunitários desde a década de 50 mostra características precoces de construção dos moradores do Timbau. Segundo dados de Santos; Silva, o Morro teve uma construção diferente e precoce. O poder de articulação e mobilização dos moradores foi a grande marca da sua construção:

O Morro do Timbau é um caso excepcional no quadro das favelas do Rio de Janeiro. Em um período de vinte anos, o assentamento passa por transformações físicas impressionantes, se for considerado que a

maioria das ações foi planejada e executada pelos próprios moradores (Santos; Silva (1983, p.2).

Uma característica importante do Timbau era o uso da rua como espaço de lazer. A Rua Capivari, a Praça dos Caetés, a Praça da Iracema e Praça Bangu eram lugares construídos e idealizados pelos próprios moradores e recebiam diferentes festividades como festas caipiras, jogos de carteados, jogos de futebol, bailes, missas e cultos, que estão presentes até os dias atuais.

O Arraiá da (Re)existência...

Territórios favelados são marcados historicamente pela invisibilidade e também pelo silenciamento de suas próprias narrativas. Nesse sentido, a Maré se inclui em toda essa invisibilidade histórica que marca diversas regiões periféricas no país. A região apresenta, nesse sentido, características históricas que acabam por estigmatizá-la por diversas notícias depreciativas que inibem outras narrativas de processos culturais que são tecidos no território.

Esse histórico de estereótipos, preconceitos e invisibilidade de diversas práticas culturais pode ser exemplificado pela reportagem publicada em 1978. Na referida publicação, o Jornal do Brasil fez uma matéria com o título: “Favela da Maré: Aqui é o fim do mundo”. A matéria fez uma densa abordagem sobre as precariedades da localidade e, também, faz alusão à violência usando termos como “bandidos e bandidos mirins.”

Figura 1- Reportagem do Jornal do Brasil



Fonte: JORNAL DO BRASIL, 1978.

Contudo, a produção, registro, valorização simbólica e disseminação das memórias coletivas produzidas nesse “lugar de memória” (Nora, 1993) têm se constituído como importante instrumento de (Re)existência dos moradores do Morro do Timbau. Pois, seja para um indivíduo comum diante da história oficial sobre o mundo onde os grandes feitos estão ligados a uma pessoa ou grupo da elite dominante ou, principalmente, para um morador de Favela cujo “lugar de memória” é material objetivo daquilo que se pretende esquecer ou extirpar, a memória se apresenta como significativamente vital para a própria existência. Como ficou claro no editorial do jornal “O GLOBO”:

“Projetos tópicos não têm mais possibilidade de êxito: favelas bairros, ecolimites, controle do desmatamento. É tratar câncer com aspirina. Muito menos é sensato esperar que um longo (e incerto) ciclo de crescimento econômico venha transformar a Rocinha e o Vidigal em reproduções de vilarejos da Côte D’Azur e da Costa Amalfitana...” (O Globo, Nossa Opinião, 6:27/10/2005)

Logo, é impossível negar que a Favela e suas memórias não estejam em um campo de disputas materiais e simbólicas presentes na cidade. Pois há um complexo intercâmbio entre a transformação material e o simbolismo cultural, entre a reestruturação de lugares e a construção de identidades.

Desse modo, a memória é um importante meio e com poder de ressignificar estereótipos historicamente construídos sobre a Favela. Pois delas surgem narrativas “outras” sobre o contexto social tecido nas vielas e ruas de tantas favelas, como o Morro do Timbau. Segundo Araújo (2017):

Os “lugares de memória” nos permitem reconstruir o passado, lembrá-lo, logo lembrar ou esquecer o que grupos sociais desejam e querem ensinar. Por excelência os “lugares de memória” são espaços educativos não formais que possibilitam “guardar” o passado (id), ressignificar a história, construir a memória e fortalecer valores, práticas sociais e culturais - identidades culturais. Não é isso o que os museus hegemônicos ou contra hegemônicos fazem: construir memórias e empoderar identidades? (ARAÚJO, 2017, p. 222)

Assim, nesse processo de entender a importância desses lugares de memória do Morro do Timbau, especificadamente a região da Rua Capivari, foi

preciso reconstruir o passado a partir das narrativas de antigos moradores que tiveram um papel social importante na região.

Nesse processo de escuta, identificamos que a rua se constitui como um ator muito marcante no Morro do Timbau, já que muitas delas foram construídas pelos próprios moradores e se tornaram um importante equipamento público informal de lazer e produção de valores simbólicos da região. A Rua Capivari, uma das ruas criadas e “urbanizadas” pelos próprios moradores, desde a década de 1950 tem como marca característica um grande número de moradores provindos da região nordeste.

Por conta dessa forte ligação de migrantes nordestinos, um grupo de moradores resolveu organizar uma festa “caipira” com intuito de fortalecer os laços culturais e de criar atividades de lazer coletivo. A festa ficou conhecida como Arraiá do Bico Mudo, que foi um dos primeiros registros de manifestação cultural naquela região.

Segundo o jornal Cidadão⁹ (Edição nº7), um dos idealizadores desse arraiá foi o Seu Nilo Fernandes Siqueira, que era morador da Rua Capivari, no Morro do Timbau. Seu Nilo fez parte da história cultural do bairro durante muitos anos. Ele fez um importante trabalho com danças folclóricas envolvendo os moradores do Morro e de diferentes lugares da Maré. Danças como as pastorinhas, boi dançarino e dança do coco.

Seu Nilo aprendeu essas danças durante a 2ª Guerra Mundial, quando foi mandado para o nordeste pelo exército. Chegando lá, ele acabou aprendendo diferentes danças. Sempre que podia, ia ver as danças das pastorinhas, Boi do Rei, Chegança e outras. Lá mesmo, casou-se e, com o fim da guerra, voltou para o Rio.

Ao chegar à Maré, especificamente na Rua Capivari, Seu Nilo tratou logo de, junto com outros nordestinos, fazer uma festa para alegrar as ruas do Morro do Timbau. A festa, que começou com uma quadrilha de roça, ficou conhecida

9 O Jornal O Cidadão é um projeto da ONG Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré (Ceasm). Foi criado em 1999, como um instrumento de comunicação comunitária para todas as 16 favelas que formam o Conjunto de Favelas da Maré, localizado na Zona Norte do Rio de Janeiro.

como Arraiá do Bico Mudo e foi tradição naquela região do Morro por quase três décadas.

O nome, segundo Dona Edite, surgiu de uma reunião com o intuito de promover a organização da festa. Os moradores discutiram entre si para a escolha do nome da festa na comunidade. Houve tumulto entre os organizadores por causa do nome, até que um deles esbravejou bem alto para todos que estavam na associação, a fim de que ficassem quietos: "Arraiá do Bico Mudo"! Todos se calaram e foi assim que surgiu o nome do Arraiá que marcou essa região.

Para saber mais detalhes da festa, tivemos a oportunidade de entrevistar duas senhoras octogenárias, Dona Edite e Dona Neuza¹⁰, que participaram por muitos anos desse Arraiá e também fizeram parte do grupo "As Pastorinhas do Xororó". Dona Edite e Dona Neuza são irmãs e chegaram à Rua Capivari, em 1951, ainda na juventude. Segundo Dona Neuza, naquela época a região era pouco habitada. "(...) quando a gente começou morar lá só tinha a casa do Bangu, o falecido...". De imediato já foi possível elucidar a origem do nome da praça, que fica no final da Rua Capivari. A Praça Bangu foi uma homenagem que fizeram a um antigo morador conhecido como Seu Bangu, que morava em frente ao largo. Segundo o Guia de ruas da Maré (REDES, 2012), a Praça Bangu não existe oficialmente, ou seja, sua existência vem do imaginário local.

Naquela época, década de 1950, a rua Capivari era um lugar com poucas casas e ruas de barro, segundo relatos das entrevistadas. Além disso, ainda havia o problema da água. Segundo dona Edite só havia um ponto para pegar água, chamado de bicão, que ficava na parte baixa do Morro. "Não tinha água. A água era um bicão que tinha no começo da Capivari e a gente passava a noite todinha pegando água, entendeu, era fila. Aí o pessoal pegava água dali e a gente pegava". Nessa época, devido à grande dificuldade que era deslocar latas d'água morro acima, muitos moradores usavam o famoso rola-rola, que era um

10Dona Neuza, de 82 anos, foi moradora da rua Capivari desde 1956 até 2005. Irmã da dona Edite, Dona Neuza e sua família ajudaram a organizar o Arraiá do Bico Mudo até a década de 1980.

barril de vinho provindo da vinícola Garibaldi¹¹, localizada no Morro do Timbau. A balança¹² e o rola-rola ajudavam os moradores a carregarem a água para diferentes áreas da Maré.

Segundo Santos; Silva (1983, p.19) a luta pela água acabava prolongando ainda mais a jornada de trabalho dos moradores que, ao chegar dos seus “trabalhos formais” tinham que carregar água morro acima.

As memórias deste tempo não são as melhores. Com o crescimento da favela os barracos ficavam cada vez mais longe da água. A vida era muito sacrificada. Os chefes de família ao chegarem do trabalho à noite tinham de sair para aproveitar o único momento em que havia água. Era preciso fazer de quatro a seis viagens carregando o “balanço” pesado para abastecer uma residência. Formava-se uma fila de pessoas indo e vindo. A noite não se podia dormir com o barulho de latas de água batendo enquanto as carregavam.

Mesmo com todas as adversidades, os moradores da Rua Capivari conseguiram criar uma grande festa, organizada pela própria comunidade, naquela rua marcada por pouca infraestrutura.

Apesar das dificuldades que se apresentavam no território, o Arraiá seguiu suas comemorações ao longo dos anos. A festa tinha duas marcas importantes, as danças que eram organizadas pela criatividade do Seu Nilo e as barraquinhas, que vendiam comidas típicas. As barracas eram organizadas pelos próprios moradores, como conta Dona Neuza:

Cada um botava sua barraca e vendia o que queria, não tinha nada disso de pagar nada a ninguém não. Naquele tempo não tinha esse negócio de ambição, vai vender, vai pagar tanto né, não tinha não. Cada um botava o que queria pra vender.

O Relato de Dona Edite chama a atenção para relação de lugar estabelecida na Rua Capivari. Lugar entendido como espaço inteiramente familiar. Segundo Tuan (1983, p. 61). “O espaço fechado e humanizado é lugar. Comparado com o espaço, o lugar é um centro calmo de valores estabelecidos”. Segundo Carlos, “o lugar se refere de forma indissociável ao vivido, ao plano do imediato. E é o que pode ser apropriado pelo corpo” (1996, p. 23).

11 A Vinícola Garibaldi é uma cooperativa de vinhos sediada no Rio Grande do Sul que, nas décadas de 1950/60, teve uma filial na rua Capitão Carlos nas imediações do Morro do Timbau.

12 A balança era um equipamento rústico usado para carregar água. Tinha como estrutura uma madeira, que ficava em cima dos ombros e dois baldes, um em cada lado, que formavam uma balança.

Esses valores e apropriações podem ser exemplificados pela construção do Arraiá que, como Dona Edite relatou, seguia uma forma bem significativa para aqueles moradores pertencentes daquele pedaço, Rua Capivari e adjacências (becos, vielas daquela região). Um pedaço que, segundo Magnani, remete a uma rede de sociabilidades:

O temo, na realidade designa aquele pedaço intermediário entre privado (a casa) e o público, onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla que a fundada nos laços familiares, porém mais densa, significativa e estável que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade. Para além da soleira da casa, portanto, não surge repentinamente o resto do mundo. Entre uma e outra situa-se um espaço de mediação cujo símbolos, normas e vivências permitem reconhecer as pessoas diferenciado-as, o que termina por atribuir-lhes uma identidade que pouco tem a ver com a produzida pela interpelação da sociedade mais ampla e suas instituições (MAGNANI, 1984, p. 116)

Dona Edite contou que a relação com os militares não era tranquila. Nunca houve uma proibição direta para a realização do Arraiá. Segundo a entrevistada, “havia uma ronda de militares que sempre apareciam para acompanhar o andamento da festa. Desciam de suas viaturas e inspecionavam as barracas e até mesmo revistavam alguns participantes”. Mesmo com todo cerceamento dos militares, era um evento com estrutura de som, organização de danças e barracas que durava até o dia raiar “(...) botava um som e dançava a noite todinha. Depois que dançava a caipira, que dançava o bumba meu boi, as pastorinhas¹³, aí já amanhecia o dia era tocando música e a gente dançando, tudo vestido de caipira, dançando”.

O Arraiá era organizado e frequentado por pessoas que eram vizinhas e que também tinham graus de parentescos naturais ou tecidos dentro de uma lógica local. Dessa festa saíram muitos casamentos reais. Segundo Alvito, em territórios favelados é comum encontrarmos diversos tipos de parentesco e relações amorosas dentro de uma microárea.

13 Segundo Dona Edite, Pastorinha era uma dança que as garotas se vestiam de caipira, mas toda fantasia tinha e batia os negócios assim e dançava a pastorinha. Aí depois de dançar, agente dançava primeiro, depois entrava o bumba meu boi, depois entrava essa dança que eu estava falando, aí fazia um baile e dançava até de manhã.

Muito frequentemente, namoros, e casamentos ocorrem dentro de uma mesma microárea. É escusado dizer que, quando os filhos se casam, procuram residir nas proximidades, de preferência na mesma microárea. Os laços de amizade e vizinhança, já bastante estreitos, são assim reforçados por laços de parentesco. Isso sem falar no parentesco ritual estabelecido pela existência de “comadres” e “compadres”. Esses diferentes tipos de relacionamento concorrem para a existência de uma coesa e importante rede de solidariedade. (ALVITO, 2001, p. 63)

Esse contexto se confirma na família de Dona Edite e Dona Neuza. Seus irmãos, genros, netos e sobrinhos, até meados dos anos 2000, moravam no Morro do Timbau. Dona Neuza morava em frente à casa da sua irmã, Dona Edite. Na rua ao lado morava a sua outra irmã, Dona Elza. Já seu irmão foi morar no outro lado do morro, na pedreira. Seus filhos e netos continuaram morando no Timbau, muitos na própria Rua Capivari. Um dos filhos da Dona Edite construiu uma casa no quintal da mãe, onde mora até os dias de hoje.

Essas relações próximas dos moradores também eram explícitas na época da festa de final de ano. Nesse período, segundo Dona Edite, os moradores da Rua Capivari faziam um grande banquete comunitário. “Quando chegava natal, ano novo, fazia uma mesada aí na rua, todo mundo dava uma coisa e se confraternizava”.

Essa articulação dos moradores da Capivari não se limitava apenas a organização de atividades de lazer, também apresentava uma importante articulação no desenvolvimento territorial e identitário do Morro do Timbau. A instalação do prédio da Associação de Moradores do Timbau em seu território e a participação de moradores nos cargos de gerência da Associação exemplificam isso.

Esse poder de resistência do Morro do Timbau teve um importante papel nas tessituras desse pedaço da favela. Isso justifica o Arraiá ter durado por quase três décadas resistindo ao cerceamento dos militares, à pouca infraestrutura e à própria carência dos moradores, que lutavam por direitos básicos como água, luz, calçamento, entre outros.

Segundo Dona Edite, alguns fatores foram determinantes para o término do Arraiá:

A gente foi casando, foi saindo, aí começaram a fazer, aí enfraqueceu, aí depois foi começando entrar esses bandidos e até a poucos anos tinha e a gente ainda dançava. Eu me vestia de homem, todo mundo, a gente fazia uma festa. E a gente quando acabava a caipira tinha um dia que a gente se vestia, as mulheres todinhas, umas se vestiam de homem, outras de mulher, brincava pra caramba. Aí depois foi que começou... No último ano teve tiroteio e polícia e bandidos passaram correndo, veio correndo um atrás do outro. Aí a ficou com medo de continuar as festas.

Essa fala aponta para a violência que se intensificou nas décadas de 80 e 90 naquela região. Foram épocas em que o tráfico de drogas dominou as ruas, com as bocas de fumo e homens armados, e a polícia intensificou a política do confronto direto.

Segundo Alvito, a década de 1980 marca uma drástica mudança na dinâmica das favelas do Rio de Janeiro.

Tanto policiais quanto moradores de favelas são capazes de apontar um momento, situado por volta de meados da década de 1980, em que a dinâmica do tráfico de drogas modificou-se, assumindo da noite para o dia as proporções de um comércio milionário cujo controle, sem dúvida, é supralocal e até mesmo supranacional, embora a ponta mais visível (e única a ser, de forma ou de outra, reprimida) esteja localizada, entre outros sítios, nas favelas cariocas.” (ALVITO, 2001, p. 60)

Se em outrora a Capivari era um lugar marcado pelas memórias de diversos episódios de resistência, de lazer e de encontro, a partir da intensificação da violência, a rua foi se tornando um lugar hostil. Isso explica a mudança do semblante da Dona Edite ao falar da substituição do Arraiá para a violência com a entrada do tráfico de drogas. “Foram ocorrendo tiroteios, aí acabou a festa”. Alvito chama a atenção para esses paradoxos das microáreas da favela.

Essas microáreas são lócus de uma memória. Ela pode ser alegre, referir-se às travessuras conjuntas, às inúmeras brigas entre eles- das quais riem muito hoje- no tempo em que todos iam assistir à televisão na única casa que tinha uma. E pode ser trágica: “bem nesse lugar aqui meu irmão tomou um tiro”. É um espaço com as marcas das relações familiares, dos entes queridos hoje ausentes: “naquela esquina eu vendia churrasquinho com a minha falecida mãe”. (ALVITO, 2001, p. 67)

Nesse sentido, a violência acabara por modificar a história da rua que tinha se tornado um lugar de lazer importante na Maré. O Arraiá e as

confraternizações comunitárias, a partir dessa drástica mudança, tornaram-se meras memórias.

Contudo, passada a década de 1990, período marcado por uma intensa violência e confrontos, os anos 2000 trouxeram esperanças de dias melhores. Os moradores sentiam falta de ocupar novamente suas ruas com lazer e atividades que marcaram aquela região no passado. Por isso, inspiradas no inventor folclorista da Maré, Seu Nilo, suas filhas resolveram resgatar o Arraiá do Bico Mudo.

Segundo Dona Edite, em 2004, organizado pelas filhas do Seu Nilo e moradores que ajudaram a criar o Arraiá, foi feita uma grande festa lembrando a famosa comemoração da década de 1950. A volta do Arraiá do Bico Mudo trouxe novas sociabilidades e isso acabou estimulando a realizá-lo em diferentes partes do Morro do Timbau.

Contudo, segundo Dona Edite, o Arraiá só fazia sentido na Rua Capivari. “O arraiá só tinha sentido na Capivari. Aqui ele fez muita história, dizia ela”. Segundo Nascimento (2020), a ligação do lazer com o lugar acaba por construir o que ele chama de “lazer topofílico”.

O lazer topofílico seria o processo de pertencimento e apropriação associado a um lugar de lazer que fomenta a formação dos sujeitos enquanto relação social. Assim, o lazer topofílico caracteriza-se pela riqueza de experiências e possibilidades socioculturais constitutivas e constituídas na trama das relações cotidianas que tecem identidades, pertencimentos no processo de ressignificação dos espaços. Ou seja, as relações que envolvem o lazer topofílico apresentaram-se como uma experiência que só faz sentido no “lugar” como um espaço apropriado e tecido de significações (NASCIMENTO, 2020, p. 116).

Essas significações e mudança de “pedaço”, segundo Dona Edite, acabaram contribuindo para o desestímulo dos moradores. Nesse processo, três anos após a sua volta, o Arraiá terminou novamente. Desde então, a festa não foi mais realizada.

Contudo, o Arraiá apresentou-se como uma importante prática de lazer topofílico e de um marcante processo de resistência, já que a realização da festa teve que enfrentar um grande cerceamento do Exército e posteriormente um grande onda de violência que marcou a região nas décadas de 1980 e 1990.

Após a escuta de tantas narrativas “outras” sobre esse território historicamente estigmatizado pela violência, é possível pensarmos em uma prática de lazer como processo de resistência, apropriação em que “na rua, e por esse espaço, um grupo (a própria cidade), se manifesta, aparece, apropria-se dos lugares, realiza um tempo-espaço apropriado” (LEFEBVRE, 1999, p. 29-30). Ou seja, a favela tem como grande característica o poder de transformar a rua como uma extensão da casa e é nela que importantes processos de (re)existência são tecidos.

REFERÊNCIAS

ALVITO, Marcos. Um bicho de sete cabeças. In: **As cores de Acari**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2001.

ARAÚJO, Helena Maria Marques. EDUCAR ATRAVÉS DA(S) MEMÓRIA(S). **e-Mosaicos**, [S.l.], v. 6, n. 12, p. 214-225, set. 2017. ISSN 2316-9303. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/e-mosaicos/article/view/30260>>. Acesso em: 19 jun. 2020. doi:<https://doi.org/10.12957/e-mosaicos.2017.30260>.

CEASM. Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré. **Censo Maré 2000: Quem somos?** Disponível em: <<http://www.ceasm.org.br/abertura/05redes/05observ/censo.htm>>. Acesso em: 13 mar. 2017.

LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. São Paulo: Ed. Moraes, 1999. Projeto História, n. 10, dez. 1993.

JORNAL O GLOBO 6:27/10/2005, Rio de Janeiro. http://redesdamare.org.br/?page_id=2429, Acesso em 01/06/2020.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade**. São Paulo: Unesp, 1984.

NASCIMENTO, Diogo Silva do. **Maré de lazer: construções, sociabilidades e significados dos lugares de lazer no Morro do Timbau**. [manuscrito] / Diogo Silva do Nascimento - 2020. 134 f., enc.: il. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. São Paulo:

NOVAIS, P. 1999. Uma crítica ao conceito de espaço no planejamento estratégico. In : **Anais do VIII Colóquio internacional sobre o poder local: "Poder local e internacionalização : desenvolvimento, (re)configurações organizacionais e estratégias de gestão"**. Salvador: UFBA/NPGA/NEPOL.

REDES DE DESENVOLVIMENTO DA MARÉ. Disponível em
CARLOS, Ana Fani Alessandri et al. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996

SANTOS, Carlos Nelson Ferreira dos; SILVA, Maria Lais Pereira da. **O Morro do Timbau**. Relatório de pesquisa para o HABITAT/ONU. Rio de Janeiro, 1984, mimeo.

SANTOS, Milton. **Pobreza Urbana**. 3.ed. 1. Reimp. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

SILVA, Cláudia Rose Ribeiro da. **Maré: a invenção de um bairro**. 2006, 238 f. Dissertação (mestrado), Fundação Getúlio Vargas, Programa de Pós-Graduação em História Política e Bens Culturais. Rio de Janeiro, 2006.

SILVA, Alexandre Dias da. **As águas da Maré encontram-se ao rio: a construção de uma memória coletiva para a Maré, diálogos e tensões**. 2006. 80 f." Monografia (graduação), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais. Rio de Janeiro, 2006

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência/tradução de Livia de Oliveira**. São Paulo: DIFEL (1983): 76-299.

ZALUAR, Alba; ALVITO, Marcos. **Um século de favela**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2003.